

O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões

GUSTAVO BASTOS BRAGA*, ANA LOUISE CARVALHO FIÚZA*,
PAULA CRISTINA ALMEIDA REMOALDO**

Resumo

A concepção de “modo de vida” tem sido muito utilizada nas Ciências Sociais, principalmente, para assinalar mudanças culturais, tal como pode ser observado desde Durkheim, Weber, Wirth, Rambaud, Lefebvre, Bourdieu, dentre outros. No entanto, o termo “modo de vida” assume uma pluralidade de significados, dificultando a compreensão das nuances interpretativas que o perpassam. As traduções para o português de estudos em língua inglesa e francesa, por vezes, apresentam termos idênticos para ideias originalmente distintas. Dada essas ambiguidades na definição do modo de vida, esse artigo se propõe a analisar os significados a ele atribuídos na literatura nacional e internacional. Como metodologia foram utilizados dados secundários oriundos de artigos e teses que utilizam o termo modo de vida e/ou traduzem a terminologia para a língua portuguesa, aplicando-se a análise em redes como ferramenta para avaliar o seu uso. Os resultados indicaram que termos distintos em sua língua original, como no francês *genre de vie* e *style de vie*, têm, rotineiramente, a mesma tradução para o português, *modo de vida*, reforçando a imprecisão do termo.

Palavras-chave: Modo de vida. Traduções. *Way of life*. *Genre de vie*.

* Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

** Universidade do Minho, Portugal

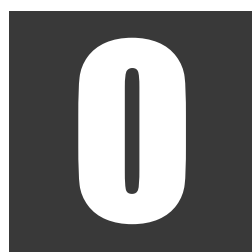
The concept *modo de vida*: between translations, definitions, and discussions

Abstract

The concept *modo de vida* has been widely used in social sciences, particularly to denote cultural changes, as seen in Durkheim, Weber, Wirth, Rambaud, Lefebvre, and Bourdieu. Nevertheless, the term *modo de vida* bears multiple, nuanced, meanings, making difficult to understand its distinct interpretations. Translations of studies from English and French to Portuguese sometimes present the same term to denote different original notions. In view of these ambiguities of the concept *modo de vida*, this article aims to analyze the meanings ascribed to the term *modo de vida* in both national and international literature. The methodological approach was based on secondary data comprised by studies featuring the term *modo de vida* or his correlates, and used network analysis as a tool to analyze the use of synonymy and translations of many terms related to *modo de vida*. The results points to distinct concepts, such as the French terms of *genre de vie* and *style de vie*, being often translated into Portuguese as *modo de vida*, therefore reinforcing the vagueness of the Portuguese term *modo de vida*.

Keywords: *Modo de vida*. Translations. Way of life. *Genre de vie*.

Introdução



O conceito de *modo de vida*, apesar de amplamente discutido na literatura internacional, carece de uma maior precisão em termos da sua definição. Para Isabel Guerra (1993), ao analisar os modos de vida, devem-se levar em conta três dimensões, que geralmente são pouco utilizadas; o *sistema* e os *atores sociais*; a *história* e o *cotidiano*; e o *objetivo* e o *subjetivo* na percepção do real. Essas três dimensões deveriam ser articuladas de modo a combinar a força da estrutura com a possibilidade de ação dos indivíduos, o nível da vida cotidiana articulado com o econômico, o político, o cultural, bem como as redes de poder estabelecidas nas articulações entre as diferentes esferas do social. O estudo sobre os

modos de vida encontra-se frente a um dilema: por um lado, de acordo com a autora, a análise da vida cotidiana assumiria a forma de uma mediação horizontal, específica e irreduzível, mas sofreria com as contradições sociais. Por outro lado, a análise dos modos de vida, submete-se à lógica da reprodução da força de trabalho expressa pelas condições de exploração e de classe.

As pesquisas mais recentes sobre os modos de vida dão enfoque a dois aspectos, conforme aponta Guerra (1993). Por um lado, à análise da relação entre as diferentes práticas cotidianas, trabalho, vida familiar, consumo, lazer e etc. e, por outro lado, às relações que o conjunto dessas práticas cotidianas estabelece com as relações sociais mais gerais. Assim, os estudos ligados aos aspectos da vida cotidiana deveriam preocupar-se com o grau de consciência dos atores sobre a condução dos seus destinos, individuais ou coletivos. Deveriam, ainda, buscar a compreensão do nível de racionalidade e irracionalidade presente nas práticas sociais, seguindo tendências imersas na história da sociedade em questão.

Tais sentidos imersos na história, não captáveis conscientemente pelos indivíduos, são destacados por Gomes (2015) em seus estudos sobre a sociabilidade do homem comum, que vive à margem da sociedade. A autora também contribui para os estudos dos modos de vida, ao apontar que a cultura popular, no Brasil, incorpora a modernidade, mas não a partir da tradição. Numa perspectiva semelhante à de Rambaud (1969), a autora discorre sobre as influências da força expansiva da cultura urbana difundida em escala global, a qual exerceria forte influência nos modos de vida em escalas locais. Brandão (2009) também se mostrou atento à relação que o global exerce sobre o local. Este autor dedicou muitos estudos à construção cultural das escalas espaço-temporais em comunidades rurais, defendendo que os padrões de tempo e espaço construídos em nível local permitiriam aos sujeitos sociais construir e recriarem o

cenário entre a natureza e a cultura, sendo este processo expresso pelos seus modos de vida.

Todavia, embora as definições de “modo de vida” venham sendo utilizadas com pertinência teórica e metodológica por autores de renome internacional e nacional, ainda é grande a imprecisão teórica em torno do mesmo, sendo comum, em muitos textos científicos o termo não merecer sequer definição acerca do significado que o autor lhe atribui. Assim, não constitui exagero afirmar que paira sob o mesmo a *doxa*. Vários termos distintos são traduzidos de estudos internacionais indiscriminadamente como *modo de vida*. Ao se analisar essa pluralidade de traduções, vislumbra-se uma verdadeira Babel. Ao pensar neste problema, este artigo propõe-se a analisar as relações entre os termos que se apresentam na literatura como sinônimos ou traduções do constructo *modo de vida*. Para isso, traz inicialmente perspectivas teóricas envolvendo estudos de *modos de vida*. Na parte subsequente, apresenta-se a metodologia referente as redes sociais e a terminologia para analisar o diálogo estabelecido entre os autores que utilizam o constructo “modo de vida”. Em seguida o artigo apresenta os resultados desta aplicação seguidos das considerações finais do estudo.

Marco teórico

É possível perceber-se já nas origens da Sociologia a utilização do constructo *modo de vida* para analisar a passagem das sociedades pré-capitalistas para as sociedades industrializadas. Tal constructo esteve presente nos clássicos que estudavam a passagem da vida em “comunidade” para a vida em “sociedades” diversificadas econômica e culturalmente. Nesse sentido, vários autores da sociologia utilizaram a concepção de modo de vida para apontar as transformações pelas quais as sociedades rurais, sobretudo, estavam passando. Wirth (1938), Rambaud (1969), Le-

fevbre (1970) foram alguns dos autores que destacaram, no período de avanço da industrialização e da urbanização, as mudanças nos modos de vida nas sociedades rurais.

Placide Rambaud (1969), em seu livro *Société rurale et urbanisation*, mostra como o modo de vida rural tradicional vai absorvendo as influências advindas da sociedade urbana em ritmos diferenciados dentro de um mesmo grupamento. Para o autor, a urbanização do campo estaria a efetivar-se através de um processo de aculturação gradual e heterogêneo. Esse processo de aculturação, na percepção de Rambaud, não seria, portanto, grupal, mas sim individual. Cada indivíduo passa pela aculturação de forma diferenciada, montando o que o autor chama de *canevas*, que seria um tipo de bordado criado segundo o direcionamento dado pelo indivíduo, a partir dos seus interesses e objetivos de vida. Assim, cada indivíduo poderia montar o seu estilo pessoal de vida escolhendo o que incorporar à sua vida face à influência advinda da cultura urbana.

Henri Lefebvre (1970) também chama a atenção para a forma como o modo de vida camponês estaria sendo impactado pelo que ele chamou de “revolução urbana”. Para Lefebvre (1999, p. 17) “o tecido urbano prolífero, estende-se, corrói os resíduos de vida agrária”. A sociedade urbana, como uma totalidade processualmente construída, surgiria, assim, como um horizonte utópico de vida a ser alcançado. Lefebvre não interpreta o “tecido urbano” em sentido restrito, tomando o urbano como um domínio que vai além das cidades, espalhando-se sobre o campo. Para Lefebvre (1991), a cidade é anterior, historicamente, à industrialização, contudo a sua relação com o campo mudou de acordo com o modo de produção. Para o filósofo, no contexto capitalista contemporâneo, a cidade torna-se cada vez mais um produto a ser consumido. Assim, podemos diferenciar a morfologia material onde há a cidade e a morfologia social onde há a urbanidade. Antônio Cândido (1975) é outro autor que

vislumbrava o fenômeno do processo de urbanização dos modos de vida, apontando as transformações dos meios de vidas dos caipiras paulistas face às influências advindas do processo de urbanização, em perspectiva semelhante à destacada por Wirth (1938).

Contudo, se o constructo “modo de vida” serviu de forma clara para apontar as transformações das sociedades tradicionais em meio ao avanço da cultura urbana ao longo do Século XX, no Século XXI o termo ainda pode ser observado em inúmeros estudos, mostrando sua força explicativa para evidenciar os processos de mudança pelos quais as sociedades humanas passam. McCarthy (2008), por exemplo, utiliza a concepção de modo de vida para apontar a forma como a paisagem do campo se modifica em concomitância às transformações dos modos de vida dos rurais e “neorurais” que provocam um “revival da vida no campo”. Todavia, o constructo “modo de vida” não ficou restrito apenas à sua utilização para evidenciar as transformações das sociedades tradicionais.

Segundo Gonçalves (2004), o constructo *modo de vida* desdobrou-se em dois aspectos: 1) relativo às *condições de vida* e 2) relativo ao *estilo de vida*. Enquanto as condições de vida corresponderiam às determinantes e condicionantes da vida em sociedade, o *estilo de vida* se daria nas singularidades presentes nas pessoas e em pequenos grupos, abarcando os hábitos, normas e valores expressos pelos indivíduos. Essa perspectiva é compartilhada por aqueles que atuam com temáticas relativas à saúde, tais como: Fernandes (1996), Vasconcelos et al. (2009); Fensterseifer e Silva (2008); Almeida, Gutierrez e Marques (2012); Hatzenberger e Carlotto (2013).

Gonçalves e Carvalho (2007) ampliam o leque de definições relativas ao conceito de *estilo de vida*, defendendo que tal conceito poderia ser usado como sinônimo de *concepção de vida*. O *estilo de vida* seria a expressão dos conhecimentos, valores e práticas sociais, sendo, por eles, expresso na fórmula *KVP Model* (sigla do inglês *Knowledge Values Practices*).

Assim, o *estilo de vida* poderia ser escrito através da forma matemática, $EV = f(KVP)$, onde EV é o *estilo de vida* e KVP seria o conjunto de variáveis que comporia a tríade do *KVP Model* (*Knowledge Values Practices*). A dimensão da cultura, que já se tornava bastante visível na concepção anterior, que define *estilo de vida* considerando os conhecimentos, valores e práticas expressas pelo indivíduo, pode ser observada de forma ainda mais evidente na definição de Castro (2003), para quem, o *modo de vida* seria expressão do universo cultural absorvido pelo indivíduo, enquanto o *estilo de vida* seria mais restrito, dependendo da classe social, do gênero e da geração. Velho (1995) é outro autor que, dentro do campo da Antropologia, define *estilo de vida* considerando o universo cultural do indivíduo.

Assim, nota-se, a partir do exposto, que parte dos autores utiliza *modo de vida* e *estilo de vida* de forma intercambiável, como visto em Chelotti (2010); Teixeira, e Lamas (2006); Oyola-García e Soto-Cabezas (2012). Para além desta “sinonimização” entre *modo de vida* e *estilo de vida*, há outras, como a apresentada por Guerra (1993), que propôs os conceitos de “forma de vida” e “gêneros de vida” como sinônimos de *modo de vida*. O termo “forma de vida” foi utilizado também como sinônimo de *modo de vida* por Ferreira (2003), que ressaltou, entretanto, a dimensão do tipo de consumo a ele associado. Essa profusão de termos não é exclusividade da literatura em língua portuguesa. Além dos estudos lusófonos, não há consenso também nas discussões apresentadas nos artigos francófonos e anglo-saxões, ainda que as variações no uso dos termos sejam menores. Na francofonia, os termos “*genre de vie*”¹ e “*style de vie*”

¹ Há uma confusão na tradução para o português do termo *genre de vie* que, para alguns autores, como Eva (2005), Diniz (2006) e Inácio e Santos (2014), seria traduzido como *modo de vida*. Para outros autores, como Gressler (2007) e Gonçalves e Carvalho (2007), o melhor termo equivalente em português seria *estilo de vida*. Há, ainda, aqueles que indicam que a tradução do conceito seria *meios de vida*, como em Perondi, Kiyota e Gnoatto (2007) e em Perondi e Schneider (2012). Também há aqueles que, na literatura, defendem a tradução mais próxima da literal, como *gênero de vida*, dentre esses, podemos citar Gaspar (2001) e Mercier (2011).

não são dúbios na literatura como os similares em língua portuguesa. No entanto, chama a atenção que, nas traduções oficiais de estudos franceses notórios, como “*Classe et styles de vie*”, de Bourdieu e de Saint-Martin (1976), *styles de vie* é traduzido para o português como *estilo de vida* (Bourdieu, 1983), enquanto, no estudo de Souza (2011), o mesmo termo francês aparece com a versão em português como *modo de vida*. O termo *styles de vie*, na visão de Bourdieu e de Saint-Martin (1976), é definido como relativo às práticas e às propriedades que formam uma expressão sistemática das condições de existência relacionadas às diferenciadas posições dos agentes no tecido social.

Às diferentes posições nos espaços sociais correspondem styles de vie, sistemas de separações distintivas que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo mesmo que se denomina um style de vie) porque são o produto do mesmo operador prático, o habitus, sistema de disposições duráveis e trasladáveis que exprimem sob a forma de preferências sistemáticas as necessidades objetivas das quais ele é o produto (Bourdieu; de Saint Martin, 1976, p. 18)².

O *style de vie* é utilizado por Bourdieu como um demarcador simbólico das diferenças entre classes, visível nos *habitus de classe* que exprimem os gostos e preferências dos indivíduos, bem como as suas necessidades objetivas. Portanto, o conceito de *estilo de vida* teria uma especificidade marcante em relação ao conceito de *modo de vida* até aqui exposto,

² “Aux différentes positions dans l’espace social correspondent des styles de vie, systèmes d’écarts différentiels qui sont la retraduction symbolique de différences objectivement inscrites dans les conditions d’existence. Les pratiques et les propriétés constituent une expression systématique des conditions d’existence (cela même qu’on appelle un style de vie) parce qu’elles sont le produit du même opérateur pratique, l’habitus, système de dispositions durables et transposables qui exprime sous forme de préférences systématiques les nécessités objectives dont il est le produit” (Bourdieu; de Saint Martin, 1976, p. 18).

referente à questão da demarcação de diferenças entre indivíduos de camadas sociais distintas. Já o conceito *genre de vie*, na interpretação de Paul Vidal de la Blache (1911), apontaria para uma ação do homem sobre a natureza, imprimindo sobre a terra as suas características econômicas, sociais, ideológicas e psicológicas. Esta concepção se aproxima muito da concepção de meios de vida proposta por Cândido (1975) em seu estudo sobre as mudanças dos *meios de vida* entre os caipiras paulistas. Pode-se vislumbrar, entre os geógrafos que trabalharam com o conceito de *genre de vie* na França, uma linha de pensamento que introduziu a noção de “possibilismo” na Geografia humana, na qual o papel do homem é modelar, através da ação, o espaço e a vida, criando, assim, seu *genre de vie*.

Um “genre de vie” constituído implica uma ação metódica e contínua, portanto muito forte, sobre a natureza, ou, para falar nos termos da geografia, na fisionomia das regiões. Sem dúvida, a ação do homem se faz sentir em seu “meio ambiente”, desde o dia em que sua mão se armou com ferramentas; poder-se-ia dizer que, desde os primórdios da civilização, essa ação não tem sido negligenciável (Vidal de la Blache, 1911, p. 194)³

Outro autor notório na discussão de *genre de vie* é Maximilien Sorré (1948), que, 37 anos após o artigo de Vidal, procurou reeditar o termo. Sua obra que demonstra a “nécessité d’humaniser la géographie humaine” (Sorré, 1958, p. 61), para muitos, como Allix (1958), trouxe um novo diálogo entre a Geografia e a Sociologia. Para Sorré (1948), o *genre de vie* está intimamente ligado ao *milieu*. No entanto, o autor não crê no determinismo geográfico, alinhando-se à perspectiva vidaliana nesse ponto. Para Sorré (1948, 1958), o social e o geográfico são interdependentes, tal

³ “Un genre de vie constitué implique une action méthodique et continue, partant très forte, sur la nature, ou, pour parler en géographe, sur la physionomie des contrées. Sans doute, l’action de l’homme s’est fait sentir sur son « environnement » dès le jour où sa main est armée d’un instrument ; on peut dire que, dès les premiers débuts des civilisations, cette action n’a pas été négligeable” (Vidal de la Blache, 1911, p. 194).

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 370-396

qual o *genre de vie* e o *milieu*. Não obstante, há ainda no francês o termo *mode de vie*, utilizado por autores como Foucault (1981), que foi traduzido para o português como *modo de vida*. O autor procura mostrar que o *mode de vie* pode ser partilhado por pessoas de diferentes idades, *status quo* e atividades sociais, envolvendo relações entre indivíduos, subsidiadas por uma cultura e uma ética.

*Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética*⁴ (Foucault, 1981, tradução de W.Nascimento, p. 3).

Novamente, o diferencial entre *estilo* e *modo de vida* evidencia-se dentro da literatura acadêmica visto que o *modo de vida* se mostra mais vinculado a parâmetros culturais estabelecidos face ao meio social em que se vive, e o conceito de *estilo de vida* vincula-se à demarcação de diferenças e hierarquias subliminares entre indivíduos de camadas sociais diferentes. O termo *mode de vie* também foi utilizado na tradução da obra do alemão radicado nos Estados Unidos, Louis Wirth (1938), intitulada *Urbanism as a way of life*, em francês publicado sob o título de *Le phénomène urbain comme mode de vie*. No entanto, o mesmo estudo foi publicado na Alemanha em 1974, na língua materna de Wirth, sob o título de *Urbanität als lebensform*, última palavra cuja tradução literal para o francês seria *forme de vie* (Wirth, 1974)⁵. Wirth (1938), um dos principais

⁴ Dentro dessa perspectiva o conceito de “modo de vida” poderia se aproximar da concepção de “visão social de mundo” apresentada por Michael Lowy, no sentido de ser típica de uma época e não de um grupo social específico, ou mesmo de “estilo de pensamento” de Mannheim, os quais descreveriam diferentes modos de olhar as coisas. Estes estariam para além das próprias diferenças de classes sociais.

⁵ Na língua inglesa também encontramos uma Babel de termos correlatos traduzidos para o português, como modo de vida, cabendo citar, principalmente, *mode of life*, *way of life*, *style of life* e *livelihoods*.

autores da Escola de Chicago, em seu célebre estudo no qual desenvolveu a “teoria do urbanismo” (Wirth, 2005), incluiu em seu título *way of life*. No entanto, em praticamente todo seu estudo, o autor utilizou o termo *mode of life*. De fato, além do título, o autor somente utilizou o termo *way of life* mais uma vez em seu estudo e de forma intercambiável com *mode of life*, procurando associar o termo a ideias e práticas coletivas.

A característica distintiva do mode of living do homem na era moderna é sua concentração em agregações gigantescas, em torno das quais concentram-se núcleos menores, e das quais irradiam as ideias e práticas que chamamos de civilização (Wirth, 1938, p. 2)⁶

Nas traduções em língua portuguesa, o *mode of life /way of life* de Wirth assume as formas de: *modo de vida* (Veiga, 2004; Velho, 1994), *estilo de vida* (Barreto, 1987) e *forma de vida* (Maldonado, 2013; Narita, 2013), mostrando que ainda não há consenso sobre qual a melhor grafia portuguesa deste constructo. O termo *lifestyle* é bastante conhecido na literatura sociológica, médica e mercadológica, nas quais é amplamente utilizado. Nos estudos de *marketing*, o termo é empregado desde 1964, ocasião em que Lazer (1964) o definiu como atividades, interesses e opiniões. No campo mercadológico, o conceito evoluiu, sendo definido por Brunsø, Scholderer e Grunert (2004) como um sistema de intervenção das estruturas cognitivas que apontam para percepções de produtos em situações específicas para incrementar categorias cognitivas e, finalmente, valores pessoais (Brunso; Scholderer; Grunert, 2004)⁷. Já nos estudos sobre saúde, o *lifestyle* começou a ser usado na década de 1930, pelo

⁶ “The distinctive feature of the mode of living of man in the modern age is his concentration into gigantic aggregations around which cluster lesser centers and from which radiate the ideas and practices that we call civilization” (Wirth, 1938, p. 2).

⁷ “Lifestyle is then defined as an intervening system of cognitive structures that link situation-specific product perceptions to increasingly abstract cognitive categories and finally to personal values” (Brunsø; Scholderer; Grunert, 2004, p. 665).

psicólogo austríaco Alfred Adler, que descreveu o “*lifestyle*” como um mecanismo de defesa: um padrão de comportamento adotado em uma idade precoce para disfarçar uma fraqueza física ou uma inferioridade (Hayward, 2004)⁸.

Assim como nos estudos mercadológicos, o conceito de *lifestyle* evoluiu nos estudos médicos, chegando a ser tratado por Hayward (2004) como o coração da Medicina moderna. O termo tem sido associado a causas de doenças e já é tratado pelos estudiosos da saúde como fim e não mais como meio. Pronk, Kottke e Isham (2013) definem *lifestyle*, na Medicina, como os comportamentos individuais que promovem, ou não, a saúde e o bem estar. No campo da Medicina, predominam os autores que tratam o *lifestyle* como um remédio, que pode ser utilizado pelo indivíduo ou pelo poder público para promover hábitos saudáveis.

Conceitualizamos a medicina do estilo de vida (lifestyle) como tendo dois componentes principais: um aborda os comportamentos de pacientes individuais para melhorar sua saúde e bem estar e o outro trata das políticas sociais que impactam a saúde de populações e promovem esforços para melhorar a saúde de todos os indivíduos de uma população (Pronk; Kottke; Isham, 2013).⁹

No campo sociológico, o *lifestyle* é trabalhado há mais tempo do que na saúde e no *marketing* (Finotti, 2004). O termo *lifestyle* vem sendo empregado em estudos sociológicos desde seu início, segundo Sobel (1981) que, por sua vez, defendia que o *lifestyle* seria distinto do *mode of living*, ainda que reconhecível nele. A grande maioria dos sociólogos irá

⁸ “Adler saw lifestyle as a defense mechanism: a pattern of behavior adopted at an early age to disguise physical weaknesses or inferiorities” (Hayward, 2004, p. 364).

⁹ We conceptualize lifestyle medicine as having two major components: One addresses the behaviors of individual patients to improve their health and well-being and the other addresses social policies that affect the health of populations and support the efforts to improve the health of all individuals within the broader population (Pronk; Kottke; Isham, 2013, p. 362).

concordar que “*lifestyle*” pode ser definido como um distinto, portanto, reconhecível, “*mode of living*” (Sobel, 1981)¹⁰.

Na década de 1990, o constructo *lifestyle* passou a ser mais fortemente utilizado em outras áreas, com uma forte ligação com a teoria da ecologia profunda, promovida, principalmente, por Arne Næss (1974; 1989). Næss, que é norueguês, editou em inglês a obra *Ecology, community and lifestyle* em cujo prefácio afirma ter baseado o livro em seu estudo norueguês intitulado *Økologi, samfunnoglivsstil: utkast til enokosofi*. Sua definição do termo *lifestyle* tem um cunho individualista, tratando do modo como vivemos e consumimos no nosso cotidiano.

Percebe-se, assim, que o termo *lifestyle* vem sendo utilizado em vários campos com significados diversos. Para Jensen (2007), *lifestyle* é frequentemente utilizado sem qualquer definição prévia. O autor argumenta que, pelo fato de o conceito ser essencialmente transdisciplinar, cada disciplina científica adotou um significado distinto para *lifestyle*. Apesar de reconhecer a complexidade do desafio, Jensen (2007) apresenta uma definição para *lifestyle*. Um *lifestyle* é um padrão de atos repetitivos, que são dinâmicos e em algum grau indiscerníveis para o indivíduo, e que envolvem o uso de artefatos. Esse *lifestyle* é baseado em crenças sobre o mundo, e sua continuidade no tempo que é guiada por propósitos de alcançar metas ou submetas desejadas. Em outras palavras, um *lifestyle* é um conjunto de hábitos dirigidos por uma mesma meta principal (Jensen, 2007)¹¹.

Na língua portuguesa, *lifestyle* apresenta as mais diversas traduções: *estilo de vida* (Gonçalves; Carvalho, 2007), *modo de vida* (Nascimento et

¹⁰ Almost all sociologists will agree that lifestyle may be defined as “a distinctive, hence recognizable, mode of living” (Sobel, 1981, p. 28)

¹¹ “A lifestyle is a pattern of repeated acts that are both dynamic and to some degree hidden to the individual, and they involve the use of artefacts. This lifestyle is founded on beliefs about the world, and its constancy over time is led by intentions to attain goals or sub-goals that are desired. In other words, a lifestyle is a set of habits that are directed by the same main goal” (Jensen, 2007, p. 216).

al., 2013; Pignatti; Castro, 2008; Seabra, 2011) e *meios de vida* (Freitas *et al.*, 2013). Essa diferenciação na tradução de *lifestyle* deixa ainda mais complexa a discussão sobre o termo. Há, ainda, na língua inglesa, o termo *livelihood* que também aparece em português como *modo de vida* (Peña-fiel, 2006; Schneider; Tartaruga, 2004), *meios de vida* (Niederle; Wesz Junior, 2009), *subsistência* (Santos, 2001), *formas de vivência* (Navarro, 2001). Chambers e Conway (1992) definiram *livelihood* sobre o tripé: capacidades, atividades e ativos (incluindo recursos materiais e sociais), que podem ser entendidos como os meios de ganho de vida. “A livelihood in its simplest sense is a means of gaining a living” (Chambers; Conway, 1992, p. 5). Sob essa visão, os autores procuram compreender, em seu estudo, os *rural livelihoods*. Para tanto, enumeram determinantes dos *livelihoods*, tais como fatores sociais, econômicos e ecológicos ambientais.

Scoones (1998) também faz reflexões sobre o conceito *livelihoods*, referenciando o artigo de Chambers e Conway (1992) como tendo um papel influente sobre o tema. Nas suas ponderações, Scoones mostra a interdisciplinaridade do tema e o seu vasto uso em estudos sobre meio ambiente e microeconomia. Ele argumenta que o conceito é complexo e maleável e que isso auxilia nas múltiplas interpretações sobre o termo. O problema é que a análise dos *livelihoods* pode ser feita para servir a múltiplos propósitos e fins. Como um conceito maleável que abre essa rica diversidade de descrições empíricas, ele igualmente pode ser esmagado pelo instrumentalismo estreito dos marcos e formatos de planejamento, ou ser implantado por compromissos políticos vinculados à reforma neo-liberal dos últimos anos (Scoones, 1998).¹²

¹² “The problem is that livelihoods analysis can be made to serve multiple purposes and ends. As a malleable concept which opens up such rich diversity in empirical description, it can equally be squashed down into the narrow instrumentalism of log-frames and planning formats, or get deployed by particular political commitments, dominated in recent years by neo-liberal reform” (Scoones, 1998, p. 185).

Scoones (1998, p. 175) adota a conceituação elaborada por Chambers e Conway (1992) e apresenta a seguinte definição: “Um meio de vida compreende as capacidades, ativos (incluindo tanto os recursos materiais e sociais), bem como as atividades desenvolvidas como forma de subsistência”¹³ Outro importante autor que se preocupa com o *rural livelihood* é Ellis (1999), defensor do tripé “ativos/processos/atividades”.¹⁴ O autor especifica, a partir da definição de *livelihood* de Scoones (1998), as características relativas aos *ativos* (*assets*), as quais incluem, além do capital material e social, o capital humano (escolaridade, habilidades e saúde dos habitantes), o capital financeiro e os seus substitutos (créditos, poupanças etc.) e o capital natural (recursos naturais).

Metodologia

O presente estudo foi realizado a partir de pesquisas em periódicos indexados e livros publicados no período de 1938 a 2013. Foram selecionados 38 artigos que abordaram, ainda que parcialmente, o termo *modo de vida* ou seus correlatos. Esses artigos foram eleitos de forma a procurar diversificar ao máximo as traduções e as relações entre os termos ligados a *modo de vida*. Uma vez selecionados, através da metodologia das redes sociais, criou-se uma rede na qual foram apresentadas as relações entre os termos ligados a *modo de vida*.

As redes sociais, segundo Zampier (2007), surgiram na década de 1930, com os estudos do antropólogo social inglês Radcliffe-Brown, que buscava uma forma que diagramar a estrutura social. No entanto, esse pioneirismo foi contestado, como afirmou Mizruchi (2006), mostrando as correntes que acreditam que o primeiro estudo sobre redes foi de J.

¹³ No original: “A livelihood comprises the capabilities, assets (including both material and social resources) and activities for a means of living”.

¹⁴ No original, “assets/processes/activities”.

L. Moreno. Também foram apontados como propulsores dessa abordagem os antropólogos John Barnes, Elizabeth Bott e J. Clyde Mitchell e há, ainda, apontamentos que consideram esse tipo de análise um possível apêndice do estruturalismo de Lévi-Strauss.

Apesar da controversa origem da abordagem de redes, essa foi amplamente difundida e laureada na academia, inclusive sendo usada por autores de relevância no campo da sociologia econômica, como o ganhador do prêmio Nobel, Mark Granovetter (1973). Com base em seu estudo sobre a força dos vínculos fracos, pode-se esperar que, mesmo havendo divergências, o estado da arte sobre o tema do *modo de vida* poderia ser forte se houvesse ligações fracas entre aqueles que a estudam. Havendo redes densas, ou seja, amplamente integradas, essa literatura poderia ser considerada forte. Tomando a análise de rede como uma ferramenta metodológica, apesar de haver discussão sobre se há espaço para compreendê-la como categoria teórica (Rivoir, 1999), elaborou-se uma rede na qual os termos de diversos idiomas ligados a *modo de vida* compunham os nós. Os arcos do grafo apresentado na Figura 1, que realizaram as conexões na rede, são os artigos que usam os termos como equivalentes.

No campo terminológico, existem basicamente duas grandes escolas com visões distintas sobre a compreensão do termo: a Escola Clássica, de Viena; e a Canadense. A primeira defende a separação entre “termos técnicos” e signos linguísticos – para a Escola Clássica, os termos são palavras “comuns”, construídas de forma objetiva para a concepção de um termo, assim, possuiriam “monossignificação”. Já a Escola Canadense entende que o termo pode se comportar de forma polissêmica. Um termo, nessa visão, é visto como um signo linguístico, no qual são ativados simultaneamente vários significados conhecidos acerca do significante (Cabré, 2005; Bevilacqua, Finatto, Reuillard, 2009).

Neste estudo, adotamos a concepção de “termo” da Escola Canadense. Essa escolha metodológica é adequada, aqui, dado compreendermos o termo de maneira polissêmica, como demonstrado no grafo da Figura 1, onde termos distintos, em um mesmo idioma, são usados como equivalentes. Na tradução, também foi observado que um conceito não se equivale a um termo. A tradução consiste em transpor um texto da língua de origem para um texto equivalente na língua para a qual o texto é traduzido. Essa tarefa, porém, não se limita a utilização de “palavras” – as distinções semânticas e estruturais entre várias línguas não permitem que a tradução carregue todos os significados e nuances existentes no texto de origem. No exemplo estudado, a palavra em inglês *livelihood* não apresenta uma palavra única equivalente em português, contudo, o termo *livelihood* possui equivalência, ou seja, termos que compartilham o mesmo conceito, com outros termos lusófonos, na visão dos artigos estudados. O tradutor, dessa forma, tem a função de buscar uma construção linguística que mais se aproxime do sentido original. Podemos dizer que a tradução é uma tarefa baseada na confiança de que o tradutor produzirá o texto traduzido com o sentido o mais próximo possível do original. Assim sendo, os termos traduzidos podem carregar consigo uma carga polissêmica (Hurtado Albir, 2001; Gémard, 1998).

Resultados e análises

Os resultados da pesquisa apontaram a existência de uma rede densa ligando diretamente o termo *modo de vida* com os seus “sinônimos”, exceto com os termos: *formas de vivência*, *subsistência* e *meios de vida*, utilizados em português. Contudo, mesmo essas exceções fazem referência a *modo de vida*. De fato, apesar da profusão de termos, é possível visualizar a centralidade do termo *modo de vida* face aos outros termos.

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 370-396

Pode-se observar, na Figura 1, que na língua francesa os termos “modo de vida”, “estilo de vida” e “gênero de vida” não são utilizados como sinônimo, apresentando especificidades conceituais que os delimitam dentro de campos semânticos específicos. Na língua inglesa, o termo *livelihood* também não apresenta relação direta com nenhum dos outros termos utilizados. Já em português, o termo *livelihood* aparece traduzido tanto como *modo de vida* quanto por *meios de vida*, apontando para uma imprecisão conceitual desse constructo.

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 370-396

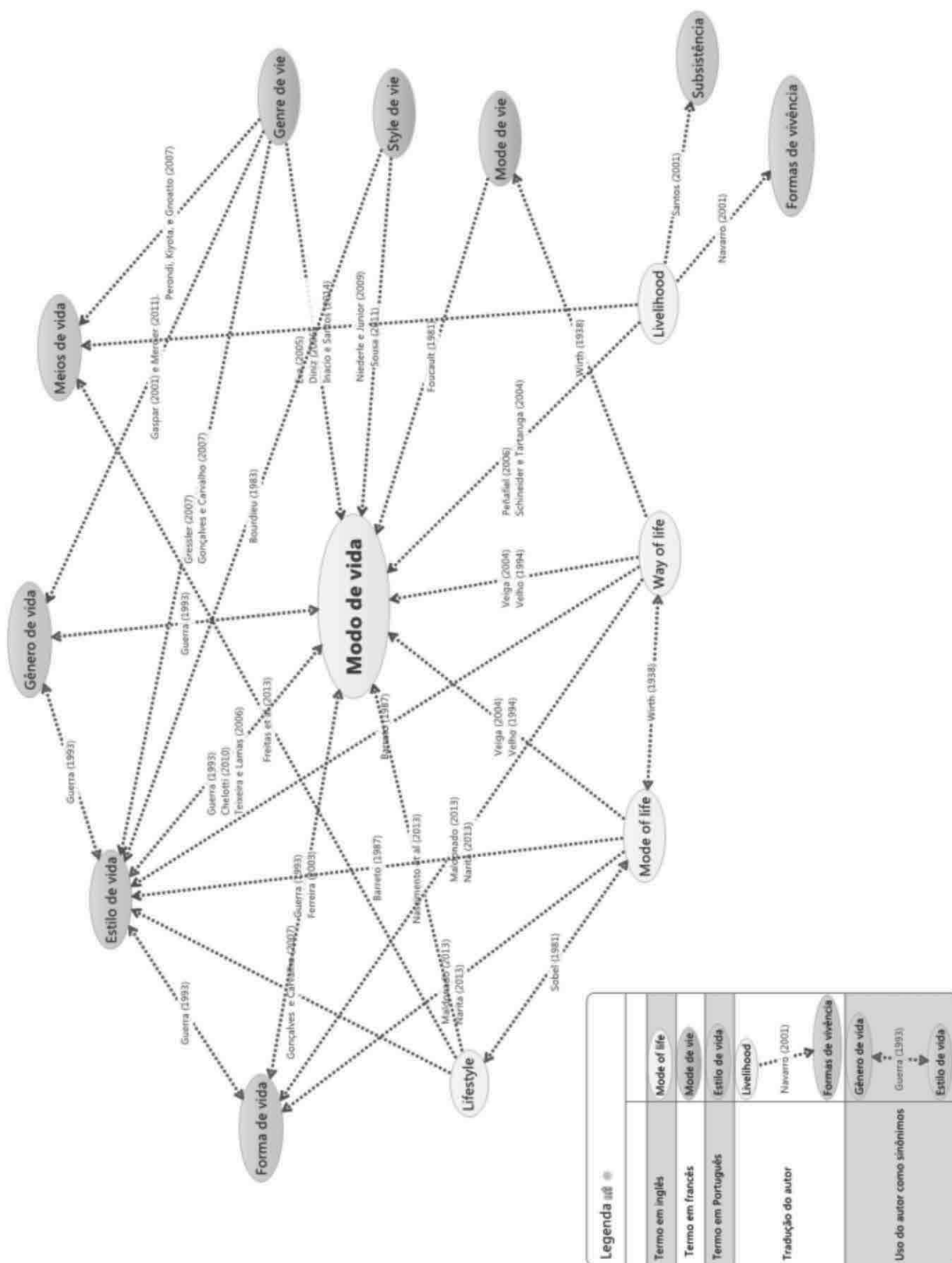


Figura 1. Rede de utilização dos termos ligados ao modo de vida

Essas imprecisões aparecem no significado atribuído a *modo de vida* – há certa convergência em seu entendimento ora como cultura, ora como cotidiano, ora como adaptação dos meios de produção à natureza. Nota-se, assim, que não há precisão em sua aplicação. Da mesma forma, a tradução de termos distintos como *genre de vie* e *style de vie* como sinônimos de “modo de vida” em português torna impreciso o uso do conceito. O termo *genre de vie* remete a *école française de géographie*, que possui expoentes como Vidal de la Blache (1911) e Sorré (1948). Esse termo corresponde, na literatura francesa, à ideia de que o homem está intrinsecamente ligado a seu ambiente, ao *milieu*, e isso molda sua socialização. Já o termo *style de vie* está ligado à sociologia francesa, tendo como destaque Bourdieu, que o utiliza para expressar as diferenças dos anseios de indivíduos de diferentes classes. Já *mode de vie* deriva de uma visão foucautiana e é caracterizado por uma perspectiva culturalista relativa ao espírito de uma época, sendo, portanto, maior que as diferenças entre pessoas de classes e profissões diferentes.

Assim, as traduções dos termos “mode de vie”, “style de vie” e “genre de vie” para o português como sinônimos faz com que o seu conteúdo semântico se misture. Já o termo *lifestyle* nos estudos anglo-saxônicos tem sido empregue entre os pesquisadores do campo da saúde e da ecologia, enquanto *way of life* e *mode of life*, utilizados como equivalentes por Wirth (1938), caracterizam-se por uma perspectiva culturalista, próxima da ideia foucautiana de *mode de vie*. O termo *livelihood* é recorrente em estudos sociológicos, sendo utilizado reportando-se à ideia de meios utilizados para garantir a sobrevivência. Assim, da mesma forma que as especificidades dos termos apontados na literatura francesa, também na literatura anglo-saxônica os vários termos utilizados como sinônimos de “modo de vida” em português apresentam especificidades conceituais, fazendo com que o texto em língua portuguesa não corresponda à ideia concebida em sua língua original.

Considerações finais

Ainda é muito comum observar-se, em pesquisas na área de Ciências Humanas, a utilização pouco criteriosa de categorias analíticas que não são definidas, como se o significado a elas atribuído fosse óbvio. Assim é com “modo de vida”, “estilo de vida” e “meios de vida”. Todavia, por detrás desses termos, escondem-se concepções teóricas de diferentes matizes, levando a uma imprecisão no uso dos mesmos. Dessa forma, este artigo chamou a atenção, de forma específica, para a necessidade de definir de forma clara a concepção teórica relativa ao termo “modo de vida”, enfatizando a necessidade de que o termo não seja utilizado como sinônimo de “estilo de vida”, nem de “meios de vida”. Ainda que assumamos que o termo é um signo linguístico dotado de polissemia, o uso de diversos termos para um mesmo conceito dificulta o desenvolvimento de seu estado da arte.

De igual forma, a tradução de termos distintos, como o *genre de vie*, *mode de vie* e o *style de vie*, por um mesmo termo em português pode gerar um viés, dado que os termos, em sua origem têm significados e abordagens distintos, não sendo, assim, equivalentes. A ausência de equivalência de termos nas traduções, apontada pelo estudo de redes, faz com que a literatura sobre o tema use de forma, se não errônea, no mínimo truncada o constructo *modo de vida*. Defende-se nesse artigo que o termo *modo de vida* seja empregado como o equivalente de *mode de vie*.

A tradução de termos de língua inglesa apresenta problemas semelhantes à tradução francês/português. Os termos *lifestyle*, *livelihood*, *way of life* e *mode of life*, possuem autores, como demonstrado no grafo elaborado pelo artigo, que os compreendem como equivalente ao termo *modo de vida*. Entretanto, os termos ingleses são dotados de concepções incompatíveis entre si, gerando dubiedades no uso do termo português *modo de vida*. Dada a equivalência do *way of life* e do *mode of life* ao

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 370-396

termo francês *mode de vie*, esses possuem melhor correspondência ao termo *modo de vida*. Por fim, futuros estudos deverão procurar formas de contornar esses contratempos linguísticos e reforçar o debate para que se torne mais palatável o uso do termo *modo de vida*.

Gustavo Bastos Braga é Doutor em Extensão Rural e Professor Adjunto do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa. Brasil.

✉gustavo.braga@ufv.br

Ana Louise Carvalho Fiúza é Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (UFRRJ) e Professora Associada III do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

✉louisefiuz@ufv.br

Paula Cristina Almeida Remoaldo é Doutora em Geografia e Professora Associada com Agregação da Universidade do Minho, Portugal.

✉premoaldo@geografia.uminho.pt

Referências

1. ALLIX, A. Max Sorre, rencontres de la Géographie et de la Sociologie. **Revue de Géographie de Lyon**, v. 33, n. 1, p. 80-81, 1958.
2. ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L.; MARQUES, R. **Qualidade de vida: definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa**. São Paulo: EACH/USP, 2012, p. 142.
3. BARRETO, M. Algumas reflexões sobre estilo de vida urbano. Perspectivas: **Revista de Ciências Sociais**, v. 9, n. 10, p. 169-176, 1987.
4. BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B.; REUILLARD, P. C. R. Glossário de gestão ambiental: estabelecimento de equivalentes em alemão, espanhol e francês. **Tradução & Comunicação Revista Brasileira de Tradutores**, v. 1, n. 19, p. 61-72, 2009.
5. BOURDIEU, P. **Gostos de classe e estilos de vida**. São Paulo: Ártica, 1983, p. 1-41.

6. BOURDIEU, P.; DE SAINT MARTIN, M. Anatomie du gout. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 2, n. 5, p. 2-81, 1976.
7. BRANDÃO, C. R. **“No rancho fundo”**: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.
8. BRUNSØ, K.; SCHOLDERER, J.; GRUNERT, K. G. Closing the gap between values and behavior—a means – end theory of lifestyle. **Journal of Business Research**, v. 57, n. 6, p. 665-670, jun. 2004.
9. CABRÉ, M. T. La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. **Debate Terminológico**, v. 12, n. 1, p. 411–415, 2005.
10. CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.
11. CASTRO, A. L. DE. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume, p. 150, 2003.
12. CHAMBERS, R.; CONWAY, G. **Sustainable rural livelihoods**: practical concepts for the 21st century. IDS discussion paper, n. 296, 1992.
13. CHELOTTI, M. Reterritorialização e identidade territorial. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 165-180, 2010.
14. DINIZ, J. **Do caos à lama**: estudo antropológico dos impactos da chegada da Doença do Caranguejo Letárgico ao litoral Capixaba. 2006. 185f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2006.
15. ELLIS, F. Rural livelihoods and diversity in developing countries: Evidence and policy implications. **Natural Resource Perspectives**, n. 40, p. 1-7, 1999.
16. EVA, F. Élisée reclus: ideias úteis para análises geopolíticas contemporâneas. Verve. **Revista semestral autogestionária do Nu-Sol.**, v. 8, n. 1, p. 50-63, 2005.
17. FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, S. P. DA. Qualidade de vida e Educação Física: conhecimento e intervenção crítica na sociedade de consumo. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 7, n. 12, p. 55-58, 2008.
18. FERNANDES, S. Saúde e trabalho: controvérsias teóricas. **Caderno CRH**, n. 24, p. 155-169, 1996.
19. FERREIRA, R. H. Brasil ou Japão: o espaço do consumo e a (re) inserção do dekasegui. **Anais do Encontro Transdisciplinar População e Espaço**. Campinas: Unicamp, 2003. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/eventos/transdisciplinar/mig_ferreira.pdf>. (Acesso em: 10/04/2014.)

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 370-396

20. FINOTTI, M. A. **Estilos de vida**: uma contribuição ao estudo da segmentação de mercado. São Paulo: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, 2004.
21. FOUCAULT, M. De l'amitié comme mode de vie (entrevista concedida a R. de Ceccaty, J. Danet e J. Le Bitoux), **Gai Pied**, no 25, abril 1981, pp. 38-39. Reproduzida no site <http://1libertaire.free.fr/MFoucault174.html>. Traduzida para o português por Wanderson Flor do Nascimento como "Da amizade como modo de vida". Disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>.
22. FREITAS, G. F. de et al. As transformações socioculturais acarretadas pelo reassentamento de famílias atingidas pela Barragem de Irapé no Vale do Jequitinhonha. **Caminhos de Geografia**, v. 14, n. 18, p. 38-47, 2013.
23. GASPAR, J. O retorno da paisagem à Geografia: apontamentos místicos. Finisterra, **Revista Portuguesa de Geografia**, v. 72, p. 83-99, 2001.
24. GÉMAR, J. **Les enjeux de la traduction juridique**. Principes et nuances. Traduction de textes juridiques: problèmes et méthodes. Équivalences. Anais... Berna: Séminaire ASTTI, 1998.
25. GOMES, N. F. M. **A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões citadinas**: uma análise do município de Araponga, MG. 2015. 189f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.
26. GONÇALVES, A. Em busca do diálogo do controle social sobre o estilo de vida. In: VILARTA, R. (ed.). **Qualidade de vida e políticas públicas**: saúde, lazer e atividade física. Campinas: IPES Editorial, 2004, p. 17-27.
27. GONÇALVES, A.; CARVALHO, G. **Diferenças de estilos de vida entre populações jovens de meio rural (Boticas) e de meio urbano (Braga)**. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, 2007.
28. GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. **American journal of sociology**, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.
29. GRESSLER, S. Habitação e design: um estudo comparativo entre residências em Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil, e Columbia, Missouri, EUA. **Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura Urbanismo**, v. 5, n. 1, p. 63-80, 2007.
30. GUERRA, I. Modos de vida: novos percursos e novos conceitos. **Sociologia - Problemas e Práticas**, n. 3, p. 59-74, 1993.
31. HATZENBERGER, D. H. C.; CARLOTTO, M. S. Quality of life and self-care in civil servants. In: ROSSI, A. M.; MEURS, J. A.; PERREWÉ, P. L., **Improving employee health and wellbeing**. Tallahassee: Florida State University, v. 7, p. 171-187, 2013.

32. HAYWARD, R. **Historical keywords**: lifestyle. *Lancet*, v. 364, n. 9433, p. 364-495, 2004.
33. HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología**. São Paulo: Cátedra, 2001.
34. INÁCIO, J.; SANTOS, R. A expansão canavieira no município de Delta-MG: "ilhados pelos canaviais". *Caminhos de Geografia*, v. 14, n. 48, p. 209-227, 2014.
35. JENSEN, M. Lifestyle: suggesting mechanisms and a definition from a cognitive science perspective. *Environment, development and sustainability*, v. 11, n. 1, p. 215-228, jul. 2007.
36. LAZER, W. Life style concepts and marketing. In: GREYSER, S. A. (ed.). **Towards scientific marketing**. Chicago: American Marketing Association, 1964, p. 380-424.
37. LEFEBVRE, H. **La révolution urbaine**. Paris : Gallimard, Collection «Idées», 1970.
38. MALDONADO, J. L. Segregação social e mercados habitacionais nas grandes cidades. *Revista Continentes*, v. 2, n. 3, p. 73-97, 2013.
39. McCARTHY, J. Rural geography: globalizing the countryside. *Progress in Human Geography*, v. 32, n. 1, pp. 129-137, 2008.
40. MERCIER, G. A região e o Estado segundo Friedrich Ratzel e Paul Vidal de la Blache. *GEOgraphia*, v. 11, n. 22, p. 7-36, 2011.
41. MIZRUCHI, M. Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais. *Revista de Administração de Empresas*, v. 46, n. 3, p. 72-86, set. 2006.
42. NÆSS, A. **Økologi, samfunn og livsstil**: utkast til en økosofi. Oslo: Univ.-forl., 1974.
43. NÆSS, A. **Ecology, community and lifestyle**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
44. NARITA, F. Passagens sobre o moderno na cidade de Georg Simmel. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 148, p. 85-96, 2013.
45. NASCIMENTO, F. et al. Variáveis evidenciadoras dos processos de transformação do campo: o caso do Espírito Santo-Brasil. *Mundo Agrário*, v. 13, n. 26, p. 1-4, 2013.
46. NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil e os limites do passado. *Estudos Avançados*, v. 15, n. 43, p. 83-100, 2001.
47. NIEDERLE, P.; JUNIOR, V. A agroindústria familiar na região Missões: construção de autonomia e diversificação dos meios de vida. *Redes*, v. 14, n. 3, p. 75-102, 2009.

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 370-396

48. OYOLA-GARCÍA, A.; SOTO-CABEZAS, M. ¿Para qué tratamos a la población si no cambian sus condiciones de vida? **Revista Peruana de Epidemiología**, v. 16, n. 3, p. 2-3, 2012.
49. PEÑAFIEL, A. P. P. **Modos de vida e heterogeneidade das estratégias de produtores familiares de pêssego da região de Pelotas**. Porto Alegre: UFRGS/PGDR, 2006.
50. PERONDI, M. A.; KIYOTA, N.; GNOATTO, A. A. Políticas de apoio a diversificação dos meios de vida da agricultura familiar: uma análise propositiva. Sober **Anais XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Londrina-PR: SOBER, 2007. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/6/869.pdf>>. (Acesso em: 11/04/2014.)
51. PERONDI, M. A.; SCHNEIDER, S. Bases teóricas da abordagem de diversificação dos meios de vida. **Redes**, v. 17, n. 2, p. 117-135, 2012.
52. PIGNATTI, M. G.; CASTRO, S. P. A fragilidade/resistência da vida humana em comunidades rurais do Pantanal Mato-Grossense, MT, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 13, n. 1, p. 83-94, 2008.
53. PRONK, N. P.; KOTTKE, T. E.; ISHAM, G. J. Leveraging lifestyle medicine and social policy to extend the triple aim from the clinic into the community. **American Journal of Lifestyle Medicine**, v. 7, n. 6, p. 360-366, abr. 2013.
54. RAMBAUD, Placide. **Société Rurale et Urbanisation**. 1ª ed. Paris: Ed. du Seuil, 1969.
55. RIVOIR, A. Redes Sociais: ¿instrumento metodológico o categoría sociológica? **Revista de Ciencias Sociales**, v. 15, n. 1, p. 49-58, 1999.
56. SANTOS, G. M. **Seara de homens e deuses: uma etnografia dos modos de subsistência dos Enawene-Nawe**. São Paulo: Biblioteca Digital da Unicamp, 2001.
57. SCHNEIDER, S.; TARTARUGA, I. Território e abordagem territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais. **Revista de Ciências Sociais**. Raízes, v. 23, n. 1, p. 99-116, 2004.
58. SCOONES, I. **Sustainable rural livelihoods: a framework for analysis**. IDS Working Paper, n. 72, p. 1-72, 1998.
59. SEABRA, O. C. de L. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida. **Cidades**, v. 1, n. 2, p. 181-206, 2011.
60. SOBEL, M. E. **Lifestyle and social structure**. Nova York: Academic Press, 1981.
61. SORRÉ, M. La notion de genre de vie et sa valeur actuelle. **Annales de Géographie**, v. 57, n. 306, p. 97-108, 1948.

Sociologias, Porto Alegre, ano 19, nº 45, mai/ago 2017, p. 370-396

62. SORRÉ, M. «Géographie des textiles» de MM. André Allix et André Gibert. **Annales de Géographie**, v. 67, p. 59-61, 1958.
63. SOUZA, C. L. F. de. **A comunidade Kalunga**. Ateliê Geográfico, v. 4, n. 1, p. 196-210, 2011
64. TEIXEIRA, E.; LAMAS, A. O estilo de vida do cliente com hipertensão arterial e o cuidado com a saúde. Esc. Anna Nery R. **Enfermary**, v. 10, n. 3, p. 378-384, 2006.
65. VASCONCELOS, L. L. et al. A hidroginástica na qualidade de vida. **Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 1, n. 1, p. 1-6, 2009.
66. VEIGA, J. da. **A atualidade da contradição urbano-rural**. Análise territorial da Bahia Rural, SEI, Série Estudos e Pesquisas, n. 71, p. 1-22, 2004.
67. VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. São Paulo: Zahar, 1994.
68. VELHO, G. Estilo de vida urbano e modernidade. **Revista Estudos Históricos**, n. 16, p. 227-234, 1995.
69. VIDAL DE LA BLACHE, P. Les genres de vie dans la géographie humaine. **Annales de Géographie**, v. 20, n. 111, p. 193-212, 1911.
70. WIRTH, L. Urbanism as a Way of Life. **The American Journal of Sociology**, v. 44, n. 1, p. 1-24, 1938.
71. WIRTH, L. Urbanität als Lebensform. In: HERLYN, U. (Ed.). **Stadt-und Sozialstruktur**. Munique: Erstveröffentlichung, 1974. p. 42-66.
72. WIRTH, L. El urbanismo como modo de vida. Bifurcaciones: **Revista de Estudios Culturales Urbanos**, n. 2, p. 7, 2005.
73. ZAMPIER, M. B. **Movimentos sociais, apropriação das tecnologias da informação e comunicação e a centralidade na rede da Coordenadora Latino-americana de Organizaciones del Campo**. 2007. 210f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2007.

Recebido: 30.06.2016

Aceito: 24.08.2016